

## PROCESSO DE LENIÇÃO NAS LÍNGUAS INDÍGENAS MAKUXI E TAUREPANG

Carla Maria Cunha – UFRN

As línguas Makuxi e Taurepang – ambas da família lingüística Karib – apresentam em seus sistemas os fonemas consonantais obstruintes [-cont] *desvozeados* que têm como uma de suas realizações fonéticas as consoantes homorgânicas *vozeadas*. Cunha (2004) estabeleceu uma análise para a língua Makuxi em relação a esse aparente vozeamento<sup>1</sup> consonantal, depreendendo que, se o ambiente que antecede as obstruintes for preenchido fonologicamente pela consoante /ʔ<sup>s</sup>/, caracterizada pelos traços [+aprox] e [SV] (Vozeamento Espontâneo), que inclusive faz oposição à consoante /ʔ/, que é [-aprox] e [-voz], as consoantes obstruintes são realizadas lenes (*vozeadas*). Além do ambiente já descrito, também há lenição das obstruintes, em Makuxi, se elas forem antecedidas por vogais alongadas – cujo alongamento é decorrente do espraçamento progressivo do nó Cavidade Oral (CO) para o nó Raiz de /ʔ<sup>s</sup>/, considerando que ele é um segmento destituído de ponto de articulação oral – ou por consoante nasal, que apresenta, da mesma forma, o traço SV em sua geometria. Sendo estabelecidas assim para o Makuxi as relações /p, t, k, s/ variando, respectivamente, com [b, d, g, z]<sup>2</sup>. Na análise feita por Pessoa (2006), para a língua Taurepang, é dito que as relações entre os mesmos segmentos descritos são decorrentes de ambientes “altamente sonoros”, a exemplo da produção das obstruintes [-cont] antecedidas por consoantes nasais, vogais longas e/ou alongadas.

Além das obstruintes *vozeadas* e *desvozeadas*, a língua Taurepang, diferentemente do que a língua Makuxi apresenta, elenca em seu arcabouço fonético as obstruintes [-cont] “parcialmente sonoras e aspiradas”, envolvidas também na relação de variação com as *desvozeadas*. Como línguas que participam da mesma família lingüística, elas vão apresentar convergências, no entanto, sendo sistemas distintos, naturalmente, vão mostrar realizações que são peculiares a cada um.

Eis, abaixo, alguns dados, tanto da língua Makuxi quanto da língua Taurepang, com suas representações fonológicas e fonéticas, que permitem o estabelecimento das relações entre segmentos *vozeados* e *desvozeados*, ou ainda, lenes e fortes:

### Dados do Makuxi

1. /kʔraʔ<sup>s</sup>tʔ/ => [kura:du] ~ [kura:tʔ] ‘jacaré açu’
2. /ipaNdɔni/ => [ipɛdɔni] ‘história dele’

### Dados do Taurepang

3. /munpa/ => [mũ 'ba] ~ [mũ<sup>h</sup>a] ~ [mũ 'pa] ‘rato’
4. /uraapa/ => [u'ra:'pa] ~ [u'ra:b<sup>h</sup>a] ‘arco’

Esses dados nos permitem correlacionar a presença fonológica de segmentos que apresentam em sua geometria de traços o traço SV antecedendo os segmentos obstruintes fonologicamente fortes (*desvozeados*), caso das consoantes nasais e da obstruinte glotal soante, /ʔ<sup>s</sup>. O caso das vogais

<sup>1</sup> Na análise fonológica feita para o Makuxi (CUNHA, 2004), ficou estabelecida a oposição entre segmentos obstruintes e soantes. De tal modo que a relação entre pares de segmentos homorgânicos vistos como vozeados opondo-se a desvozeados, no final, foi interpretada como a oposição entre segmentos fortes e lenes. Para o Taurepang, o estabelecimento dessa análise não está firmado.

<sup>2</sup> Ainda que as consoantes obstruintes [+cont] sejam atingidas pelo processo de lenição que é alvo desta discussão, elas não serão aqui discutidas.

alongadas, por exemplo, foi compreendido, para o Makuxi, como uma decorrência fonética do lugar de coda silábica sendo ocupado, na interpretação fonológica, pela consoante /ɲ/. Interpretação essa que pretendemos verificar se é aplicável ao sistema fonológico Taurepang.

Uma pretensão deste trabalho é aplicar ao funcionamento fonético/fonológico Taurepang a análise já submetida à língua Makuxi, com relação à lenição já descrita. O êxito dessa aplicação reforçará o entendimento que se tem de que línguas aparentadas manifestam características em comum; também pretendemos mostrar o potencial de aplicação da análise já estabelecida (cujo esteio são as teorias fonológicas Geometria de Traços e a Fonologia Clássica) em outra(s) língua(s).

Quando o pesquisador está no momento de construção de sua análise, num trabalho de certa forma particular, ainda que ele se depare com outras interpretações para o objeto em foco, e talvez por causa disso, suas interpretações são vistas, quase sempre, a princípio, com desconfiança. Por isso, é reconfortante o encontro de trabalhos feitos por autores diversos, mas que foram produzidos em épocas próximas, pois ele possibilita, com a comparação, a confirmação e o refinamento das análises feitas. A análise fonológica feita do Makuxi (CUNHA, 2004), que, por sua vez, retomava e ampliava as interpretações feitas por Carson (1981), agora vai ser comparada com a pesquisa de Pessoa (2006) que elaborou uma análise fonológica para a língua que pertence a mesma família, Karib, que é o Taurepang.

Tanto o Makuxi quanto o Taurepang mostram que a presença de consoante nasal, em coda, ou de vogal nasalizada favorece a produção fonética de consoantes obstruintes [-cont] lenes, na posição de onset da sílaba seguinte. Uma característica fonética das nasais que contribui para o favorecimento de sua ocorrência junto a consoantes lenes é a especificação de SV fonológico em sua geometria de traços, representando para as consoantes uma minimização do obstáculo, apesar de haver em suas realizações uma obstrução oral completa, pois a passagem de ar pelo nariz (possibilitada pelo abaixamento do véu palatino) diminui os efeitos da oclusão bucal (Troubetzkoy, 1948: 194)

#### Dados do Taurepang

5. /pan/ => [ 'pãŋ] 'sal'
6. /munpə/ => [ mũ 'bə] 'rato'
7. /kanpiupiu/ => [kã 'byu 'pyu] ~ [kã 'pyu 'pyu] 'vagalume'
8. /atantə/ => [atã 'd<sup>h</sup>ə] 'onde'
9. /amookon/ => [a 'mɔ: 'kõ] 'avô'
10. /nunke/ => [ 'nuŋ 'kə] ~ [ 'nuŋ 'ga] 'pium'
11. /pyenkə/ => [ 'pyeŋ 'gə] ~ [ 'pyeŋ 'g<sup>h</sup>ə] ~ [ 'pyeŋ 'kə] 'queixada'

Em Taurepang o fonema /n/, em coda, é interpretado por Pessoa como um segmento cujo ponto de articulação não é especificado, sendo passível de ser alvo do espriamento do ponto de articulação da consoante que ocupa o onset da sílaba seguinte. Também, segundo essa pesquisadora, a nasal /n/, em coda, pode se realizar [ŋ], diante de silêncio, sendo essa ocorrência entendida por Pessoa como resultante do processo de ressilabificação que compreende, neste caso, a redução silábica que mudou, com a queda de segmento(s), a posição da nasal de onset para coda silábica, no estágio atual da língua. O entendimento de que os fonemas nasais, em coda, sofrem neutralização e têm como representante fonológico um segmento debucalizado, que pode sofrer processo de assimilação regressiva, é compartilhado por Cunha (2004) para o Makuxi. No entanto, em relação ao Makuxi, houve a compreensão de que a produção [ŋ], do arquifonema /N/, é conseqüente da realização *default* para o representante fonológico das nasais, tendo em vista os diversos ambientes nos quais ocorre, a exemplo dos dados:

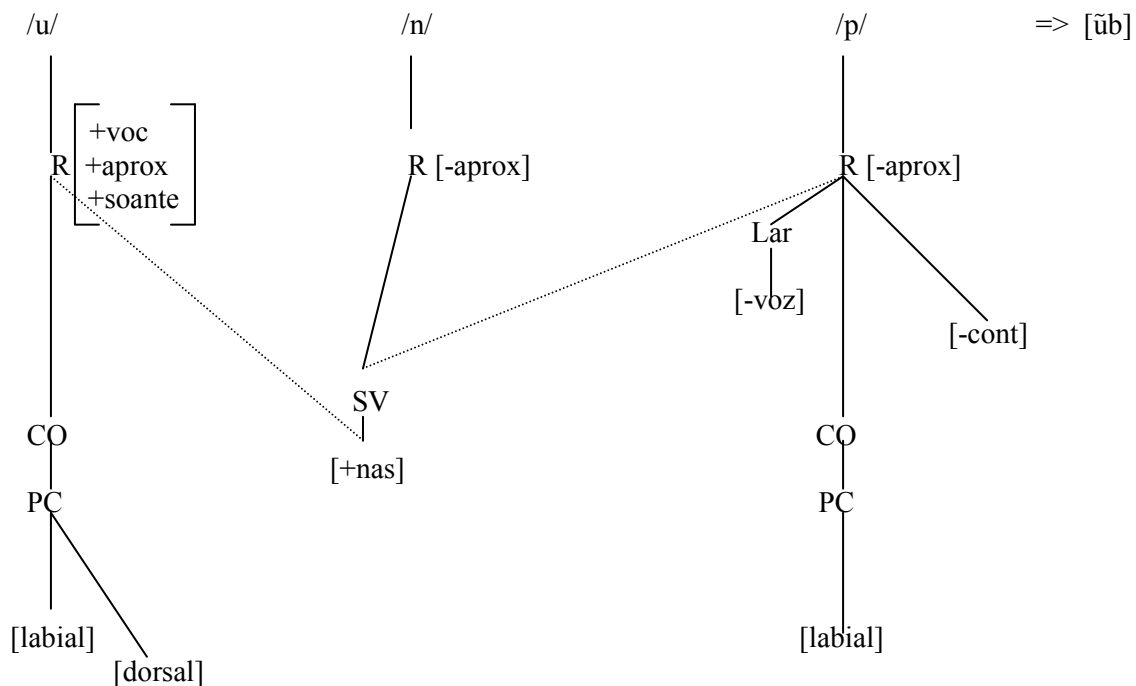
Dados do Makuxi

12. [ãŋra] ‘garça’
13. [aĩŋmara:ga] ‘cachorro’
14. [uʃãŋgõ] ‘nossas mães’

No que diz respeito à lenição, os dados 6, 7, 10 e 11 permitem depreender que a sequência fonológica de consoantes nasal + obstruente [-cont] *desvozeada* resulta foneticamente em nasal + obstruente [-cont] *vozeada*. Para Pessoa, tais ocorrências (e também aquelas que apresentam as obstruientes [-cont] parcialmente sonoras e aspiradas, como mostram os dados 8 e 11) são decorrentes de ambientes “sonoros/ bem sonoros/ mais sonoros” (Pessoa, 2006: 43-45), a exemplo da obstruente [-cont] *desvozeada* que ocupa onset antecedido por uma sílaba travada por consoante nasal; ou cujo núcleo é preenchido por por vogal alongada/longa ou nos casos em que tal consoante participa de onset intervocálico. Comparando tais informações com as dadas por Cunha (2004), há a possibilidade de aplicação da mesma interpretação para os registros que ambas línguas apresentam.

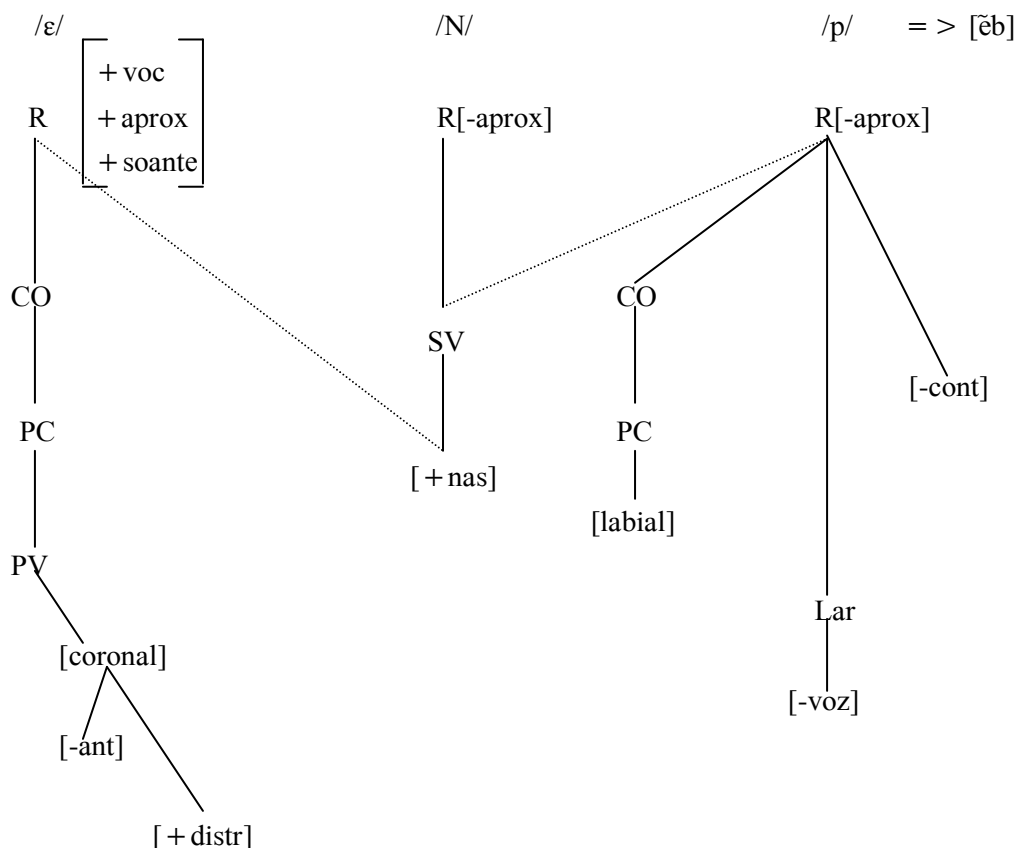
Taurepang

/munpə/ => [mũ' bə] ‘rato’



Makuxi

/εsɛNpɔʔpi/                      => [εsẽbɔʔbi]                      ‘nascer (passado)



As representações da geometria de traços dos segmentos envolvidos no processo de lenição retratado permitem constatar que a nasal debucalizada espraia regressivamente seu traço nasal para a vogal, tornando-a nasalizada, e o traço SV passa a fazer parte do nó Raiz da obstruente [-cont] desvozeada. Ao se espalhar, SV acaba criando uma especificação ‘contraditória’ no segmento que foi alvo do espraçamento, pois essa geometria passa a comportar, ao mesmo tempo, o traço SV e [-voz]. A contradição, no entanto, se desfaz com o apagamento do traço [-voz], uma vez que SV assegura sua permanência na geometria por estar ancorado em duas raízes, configurando-se assim o mais forte.

O processo de lenição descrito determina a participação do traço SV, o que torna a compreensão do funcionamento do sistema Taurepang mais definida se comparada a descrição dos ambientes de realizações dos segmentos foneticamente lenes como ambientes “altamente sonoros”. Esta interpretação ainda pode ser sustentada com relação aos registros dos dados que apresentam as consoantes obstruientes [-cont], no dizer de Pessoa, parcialmente sonoras e aspiradas. Tais realizações podem ser tomadas como registros da fase intermediária do processo de lenição – que deflagra a geometria portando ainda os traços contraditórios: [-voz] e SV.

Outro fato que se assemelha à análise feita para o Makuxi é a participação da sílaba travada cuja coda é preenchida por consoante nasal. Uma consoante nasal só espraia SV, tanto

em Makuxi quanto em Taurepang, se ela estiver posicionada em coda silábica, caso contrário, não ocorre o processo de lenição das consoantes. Depreende-se, assim, que SV, configurado na geometria da consoante nasal, só se espalha, para os casos relatados, progressivamente nessas línguas.

Outra manifestação de lenição nas línguas focalizadas pode ser depreendida na própria nasalização vocálica, considerando que vogais orais tornam-se nasalizadas, ao serem alvo do espraiamento do traço [+nas] que, por sua vez, está sob SV. E é exatamente a presença de SV na configuração de um segmento consonantal que torna possível sua articulação com um vozeamento espontâneo.

Respaldando-se na análise de Pessoa (2006), não é possível, no momento, aventar, para o Taurepang, a presença do arquifonema debucalizado, /ʔ<sup>s</sup>/, representante das consoantes orais em coda. Mas, por outro lado, é possível mostrar que o fonema /ʔ/, obstruinte [-cont] glotal, que ocorre, também em Taurepang, apenas em posição de coda, está, de certa forma, envolvido em alguns dos casos de abrandamento aqui expostos, pois, em sua dissertação, Pessoa afirma que a participação, numa mesma sílaba, de vogal oral seguida por consoante obstruinte [-cont] glotal pode levar à produção de vogais alongadas. Fato este que evidencia, na interpretação de Pessoa, um alongamento compensatório resultante da perda de segmento(s). Sendo assim, o segmento que deixou de ser articulado teve seu tempo de produção mantido, contribuindo para a manutenção do acento rítmico da língua, a exemplo das ocorrências: [ ' mɔʔ ' pa] ~ [ ' mɔ: ' pa] 'amendoim'.

Levando em consideração que vogais alongadas promovam em Taurepang a lenição das obstruintes [-cont] – e os ambientes intervocálicos também – e sendo elas resultantes do desligamento do nó Raiz de /ʔ/ com sua unidade temporal, significa dizer que o espraiamento do nó Raiz da vogal, agora alocado a duas unidades de tempo, potencializa a soanticidade desse segmento vocálico. Esta soanticidade, baseando-se no processo de lenição que provoca, equivale ao traço SV encontrado na geometria das consoantes nasais.

Para tornar mais clara a descrição do processo de lenição promovido pela participação de vogais longas, alongadas ou ambiente intervocálico, faz-se necessário formular possíveis correspondências entre esses elementos:

- As vogais longas estabelecem a seqüência de dois segmentos idênticos, neste caso, soante + soante;
- Vogais alongadas têm como efeito fonético final também a seqüência soante + soante, ou melhor, o prolongamento da produção de um segmento soante;
- O ambiente intervocálico apresenta um segmento consonantal antecedido e sucedido por segmentos soantes.

Os fatos relatados nos dois primeiros itens parecem mais propícios de serem correlacionados, uma vez que pode ser feita a equivalência da soanticidade configurada na geometria de segmentos vocálicos produzidos em seqüência – resultante de fatos fonéticos e/ou fonológicos – com o nó SV presente na geometria de consoantes nasais.

Quanto à participação do ambiente intervocálico no abrandamento consonantal e/ou participação em demais eventos fonético-fonológicos, serão vistos fatos do português que atestam a contribuição do ambiente intervocálico para a constituição de tais eventos:

- O status fonológico das consoantes /r/ e /h/, por exemplo, é estabelecido pela participação desses segmentos em posição de onset simples, em ambiente intervocálico, pois nos demais ambientes (quando se encontram entre vogal e consoante ou silêncio e vogal, e vice-versa) passam a variantes um do outro.

- Os processos de sândi interno ou externo, no português, que envolvem ambiente intervocálico, permitem depreender dentre as variantes o fonema ou arquifonema, a exemplo do que ocorre entre [w] e [l], em coda silábica: [bra'ziw] ~ [brazil] => [brazi'lejru] ; ou entre as obstruintes [+cont], em coda silábica: [ maiʃ ] ~ [ majs ] => [majza'moh]. Ainda que o processo de ressilabificação participe desses eventos, não se pode negar que ele traz consigo a contribuição do ambiente intervocálico, inclusive com caso de variante *vozeada*<sup>3</sup>.

O argumento que se pretende estabelecer é que o ambiente constituído por vogais longas, alongadas ou por ambiente intervocálico, no Taurepang, corresponde a um ambiente de maior amplitude de soanticidade e, se comparado à geometria de consoante soante – nasal –, equivaleria à participação do traço SV, considerando que, nessa língua, a consoante nasal em coda promove a lenição das obstruintes [-cont], quando uma delas ocupa o onset da sílaba seguinte à nasal.

Para diferenciar a geometria das vogais quando são capazes de suscitar o abrandamento consonantal, e procurando fazer relações entre os segmentos que provocam esse evento, haverá a anotação na geometria de tais vogais do traço SV sob o nó Raiz (autosegmentalização de soante em SV), então, nos contextos explicitados, as vogais, além do traço [+soante] que participa do nó Raiz de cada uma delas – e que é uma das características dos segmentos vocálicos em geral –, apresentarão, nas configurações de suas geometrias, SV, tendo em vista que os traços do nó Raiz, [+soante], [+aprox] e [+voc], sozinhos, não possibilitam à lenição, pois não bastam estar acompanhados de uma vogal para que os segmentos /p, t, k/ passem a *vozeados*, [b, d, g] ou *parcialmente vozeados* e aspirados, [b<sup>h</sup>, d<sup>h</sup>, g<sup>h</sup>], em Taurepang.

É necessário lembrar que o espalhamento de SV não tem caráter obrigatório nas línguas analisadas, mas é evidente que o espalhamento desse traço/nó possibilita a lenição dos segmentos obstruintes [-cont], pois, se as consoantes obstruintes [-cont] fortes ocuparem, por exemplo, onset de sílaba fonológica inicial de palavra, não há a possibilidade de pronunciá-las lenes.

#### Dados do Taurepang

12. /ite/ => [i'te] 'dente dele'
13. /porootoyko/ => [ 'prɔ:tɔy'kɔ ] ~ [ po'rɔ:tɔy'kɔ ] 'coruja'
14. /pana/ => [pa'na] 'orelha'
15. / itane?/ => [ita:'ne?] ~ [ta:'ne?] ~ [da:'ne?] 'língua'
16. /tuna/ => [tu'na] 'água'
17. /ka?/ [ 'ka? ] ~ [ 'ka<sup>k</sup> ] 'céu'
18. /komi?/ => [ ko'mi? ] ~ [ko'mih] 'frio'
19. /u?pa/ => [u?'pa] 'meu neto'
20. /ətə?/ => [ ə'tə<sup>k</sup> ] 'pedra'

Uma das formas variantes do item 15 ([da:'ne?]), apesar de apresentar [d], em onset de sílaba inicial de palavra, também permite ser comparada a outra forma ([ita:'ne?]) que mostra

<sup>3</sup> A língua francesa é outro sistema lingüístico que apresenta algumas de suas variantes, decorrentes do processo de sândi, envolvendo ambiente intervocálico. Sendo este ambiente o promotor de produções de segmentos *vozeados* em oposição aos *desvozeados*.

/t/ ocupando o onset da sílaba fonológica CV antecedido pela sílaba V, ou seja, [d] resultou de um ambiente caracterizado, no nível fonológico, como intervocálico.

Com base nesses entendimentos, foi possível aplicar a ocorrências da língua Taurepang interpretações feitas para o sistema Makuxi, com relação à participação do nó SV no abrandamento fonético das consoantes obstruintes [-cont].

## BIBLIOGRAFIA

- CARSON, Neusa M. 1981. *Phonology and morphosyntax of Macuxi (Carib)*. 196f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Linguistics, University of Kansas.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. 1995. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, MA: Blackwell, p.245-306.
- CUNHA, Carla Maria. 2004. *Um estudo de fonologia da língua Makuxi (Karib): inter-relações das teorias fonológicas*. Tese (Doutorado em Lingüística). IEL: Unicamp, Campinas, SP.
- PESSOA, Kátia N. 2006. *Fonologia Taurepang e comparação preliminar da fonologia de línguas do grupo Pemóng (Família Caribe)*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UFPE: CAC. Recife-PE.
- TROUBETZKOY, N. S. 1948. *Principes de phonologie*. Paris: Ed. Klincksieck.